

PRÁTICAS FUNERÁRIAS NA PRÉ-HISTÓRIA DO NORDESTE DO BRASIL: UMA APRESENTAÇÃO METODOLÓGICA

Daniela Cisneiros

As pesquisas arqueológicas no Nordeste do Brasil, apontam para um número significativo de sítios com vestígios de práticas funerárias, embora podemos perceber que apenas em uma pequena parcela estudada, houve a possibilidade de observar os tipos de enterramentos e as composições das sepulturas. Ora devido à insuficiência de informações bibliográficas, ora ao próprio estágio de desgaste do vestígio que não permitia a real compreensão deste, para uma descrição precisa.

Nas últimas décadas, as pesquisas arqueológicas no Nordeste vêm ultrapassando os limites do sítio e adotando uma abordagem arqueológica de área, obtendo assim uma melhor compreensão dos grupos culturais e seus ambientes. Tal abordagem, na medida em que promove a expansão e verticalização dos estudos em uma área, correlacionando condições ecológicas, cultura material e cronologias, possibilita um melhor agenciamento de informações sobre os grupos culturais, e permite a realização de trabalhos que visam identificar padrões, a fim de segregar grupos culturais.

Para sistematizar as informações provenientes da documentação arqueológica, foi elaborada uma base de dados contendo categorias que nos permitam observar recorrências, de presença ou ausência, de algumas características dos enterramentos, como tipo de enterramento, morfologia da estrutura funerária e cultura material associada.

Assim como os demais aspectos da cultura material, os enterramentos não são modalidades estáticas dentro de uma sociedade; são partes integrantes do grupo cultural, sofrendo como as demais, manifestações culturais, modificações e adequações de acordo com a necessidade do grupo. A padronização dos dados nos possibilita reconhecer características recorrentes nos vestígios estudados. Podemos observar essa iniciativa de padronização, com a finalidade de melhor compreender os grupos culturais, como vem sendo realizado nos estudos atuais sobre grafismos rupestres, material lítico, material cerâmico e ambiente geográfico.

Duas variáveis principais devem estar contidas no estabelecimento de padrões funerários: a variável cronológica e a espacial. Assim, poderemos processar as principais perguntas que norteiam a pesquisa arqueológica: quando, aonde, como e por que.

A documentação que compõe a pesquisa sobre práticas funerárias na pré-história, pode corresponder a fontes bibliográficas: arqueológicas e etnológicas. Para sistematizar as informações provenientes das duas fontes bibliográficas, faz-se necessária também a elaboração de uma base de dados contendo categorias que permitam a observação de recorrências.

Os Porquês das Práticas Funerárias

Provavelmente não existe nenhum grupo humano que não trate dos seus mortos. A espécie humana acompanha a morte com um ritual funerário e possui uma idéia sobre ela. Não poderemos dizer com isso que não haja entre os outros animais, reações manifestas perante a morte de seus pares.

A morte tem grandes implicações sobre o comportamento de cada espécie e varia de acordo com a longevidade ou interação social destas. Tais comportamentos podem ser verificados através de traços e gestos que para C.Darwin, são elementos de expressões de certos estados de espírito³.

Para O.Wilson, constituem mecanismos genéticos que foram desenvolvidos para a interação social entre indivíduos de uma mesma espécie⁴.

C. Moss descreve o comportamento de uma manada de elefantes circulando em volta de um companheiro morto “circulam várias vezes e se ele ainda não se move, eles param, viram-se para fora, as trombas penduradas flacidamente no chão. Após algum tempo podem se estimular e circular de novo e, então, novamente parar e olhar para fora (...) quando fica claro que o elefante está morto eles podem quebrar galhos ou pegar montes de capim, da vegetação ao redor, e colocá-los sobre e em volta da carcaça”.⁵

Em algumas sociedades de mamíferos superiores tem sido observada a maneira como algumas espécies percebem a morte basicamente através do cheiro, da estática do corpo, da temperatura. Segundo F. Waal⁶, os bonobos⁷ fêmea (*Pan paniscus*), ficam com seus filhotes já mortos até que estes percam o cheiro característico da espécie.

Apenas a abertura maior das Ciências Humanas para as ciências biológicas⁸, estudando fenômenos do comportamento natural do Homem, retirando este, do domínio exclusivamente cultural, para trabalhar com aspectos de sua natureza animal de mamífero primata, é o que pode dentro em breve, permitir às Ciências Sociais realizar inferências mais precisas acerca do comportamento dos grupos humanos.

A preocupação humana em proteger ou preservar seus mortos, assim como a transmissão e perpetuação de algumas práticas funerárias através de gerações, são indícios da capacidade humana de abstração, que K.Lorenz⁹ denomina pensamento conceitual.

O ritual funerário pode ser definido como um padrão de comportamento utilizado em contexto de morte, para criar e manter o senso de conexão de um sistema social. Eles diferem entre si na sua complexidade e no uso de práticas de inumação, bem como na formalidade, espontaneidade e permissão das demonstrações de emoção.

O universo funerário vem sendo estudado por ciências preocupadas com o desenvolvimento cultural de grupos humanos, como a História, a Etnologia e a Arqueologia, seus estudos vêm demonstrando que os mortos foram e são objetos de preocupação nas mais variadas sociedades e culturas, mesmo em cronologias bastante recuadas.

As evidências mais seguras sobre enterramentos, remontam ao Pleistoceno Médio, na fronteira com a espécie sapiens, com os famosos enterramentos realizados pelo Homem de Neanderthal na Europa e no Oriente Próximo, datados entre 80 e 60 mil anos B.P.

No Pleistoceno Superior, enterramentos mais elaborados com a presença junto aos ossos de cultura material, desde adornos até ferramentas, fazem supor uma preocupação com o corpo.

Os registros rupestres como fontes de informação sobre as atividades de grupos pré-históricos também testemunham, segundo alguns autores, as práticas funerárias existentes entre esses grupos (fig. 01).

Mas o que levou o ser humano a tratar os corpos de seus mortos?

Diante disso surge uma infinidade de explicações a enveredar pelos mais diversos caminhos, desde o incomodo do mau cheiro, o horror da decomposição do cadáver, até a preservação do corpo para a vida após a morte.

Duas situações de respostas distintas podem ser pensadas. Uma concorre para práticas associadas e mesmo originadas em um sentido prévio de religiosidade. Outra trata da preservação da identidade do indivíduo, dando um destino mais prático ao corpo.

De fato, a morte não anuncia a desintegração imediata do corpo, e sim, o início de um processo lento de decomposição do material orgânico. Para E.Morin¹⁰, o horror diante da desfiguração, do odor fétido, pode ter levado os primeiros grupos humanos a procurarem um destino para o fardo. Contudo, não explica o cuidado e atenção com os acompanhamentos de objetos junto ao

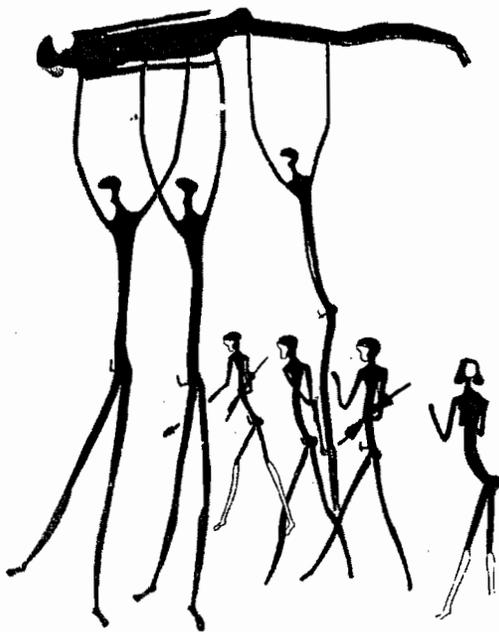


FIGURA. 01: Cena de culto aos mortos. Pintura rupestre do sítio de Zisab Gorge, Namíbia.

Fonte: ANATI, Emmanuel. *La religion des origines*. Paris: Bayard Éditions, 1999. 178p.



FIGURA 02: Múmia de chefe Coroado, sepultado com seus pertences em urna cerâmica.

Fonte: DEBRET, Jean Baptiste. Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil. t.1, v. 1. São Paulo: Ed. Universidade de São Paulo, 1972. 291p.

corpo e as ornamentações das sepulturas. Estas elaborações podem ter surgido de crenças ou construções míticas em torno da própria morte.

Difícilmente chegaremos a uma única resposta para o porquê das práticas funerárias ou de suas origens, pois cada sociedade dirige seus rituais funerários ou acomoda-se a eles de acordo com os elementos de seu universo mítico.

O destino do corpo é dado de diferentes formas, de acordo com o grupo em que se está inserido, cujas variáveis, segundo cada grupo cultural, ocorrerão de acordo com o sexo e/ou idade do indivíduo, o status que ele exerce dentro do grupo, assim como pelo contexto ou causa da morte. O heroísmo guerreiro, observado em muitos grupos indígenas, não só dá acesso a uma vida desejável além túmulo, como possibilita ao indivíduo honrarias na sepultura demonstradas através de objetos e adornos. Assim, as práticas funerárias vêm representar em parte, as relações sociais existentes nos grupos, justificadas segundo suas crenças e tradições. (fig. 02)

Podemos dizer que a morte sinaliza a desintegração e a dispersão daquilo que foi **um indivíduo**, vista para além do fenômeno biológico da morte, estando integrada ao **comportamento social** humano. As práticas funerárias expressam desta maneira um **comportamento social e ideológico**.

A morte é vista como um evento social, o ponto de partida de um processo cerimonial, pelo meio do qual a pessoa morta torna-se um antepassado, e, poderá, dependendo de um ritual necessário, continuar a existir em outro lugar não visível.

As práticas funerárias não podem ser estudadas como fenômeno isolado, pois estão associadas a uma estrutura social criadora de seus mecanismos de atuação e tentativas de perpetuação étnica.

Mesmo distintas para cada grupo, as práticas funerárias como representantes de um ritual, possuem pouca mobilidade dentro das sociedades. As mudanças, quando ocorrem, são efetuadas de forma muito lenta, quase imperceptível para o grupo. Como a maioria dos rituais, as práticas funerárias têm uma característica de permanência e estabilidade.

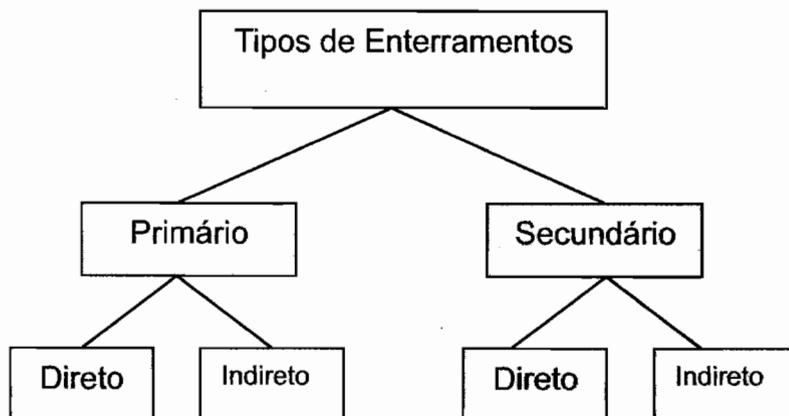
O estudo da morte pode ser analisado além de suas práticas, como um fenômeno social relacionado a outros ritos. V.Gennep (1960), considera as práticas funerárias como ritos de passagem. Esses ritos¹¹ em torno da morte desenvolveriam-se em três fases: rito de separação, quando o indivíduo morre, não pertencendo mais ao mundo dos vivos; rito de transição, quando ocorre o sepultamento para que seu corpo fique salvaguardado e ele encontre o caminho dos mortos e rito de incorporação, quando este é integrado novamente ao mundo dos vivos em espírito.

Cada grupo cultural arranja esses elementos de uma forma diferente; ou para evitar temporariamente a decomposição do corpo, ou para preparar o corpo para uma vida além-túmulo. Práticas como o enterramento, a cremação, o endocanibalismo, o embalsamento e o sepultamento, foram propostas funerárias adotadas por diferentes grupos.

W.Schmidt, nos primeiros anos do século XX, assinalava as diversas práticas funerárias ocorridas na América do Sul à época do contato com os europeus no fim do século XV. Numa tentativa de mapear as práticas funerárias observadas na América do Sul, ele esbarra nas poucas evidências até então levantadas para o Nordeste brasileiro. Em *Etnologia Sul Americana*, ele apresenta três variações para o Brasil: sepultamento, enterramento e incineração.

Entendemos por enterramento a deposição deliberada de corpos sob a terra. Os enterramentos podem ser realizados de forma direta ou indireta. A direta se dá quando é aberta uma cavidade na terra e nela o corpo é inserido sem nenhum enfiamento. Já no enterramento indireto o corpo é acondicionado em um invólucro antes de ir para a cova. Esse invólucro pode ser desde uma simples esteira até uma urna cerâmica decorada e especialmente fabricada para aquele morto. (quadro 01)

Os enterramentos podem se configurar em individual – onde o invólucro comporta um único indivíduo –, duplo ou coletivo. Essas formas podem variar ainda de acordo com a regulamentação adotada pelo grupo cultural. Contudo, alguns distúrbios nos grupos podem transformar tradições de covas simples em enterramentos coletivos, como no caso de guerras ou grandes epidemias. No estado de Santa Catarina, nos quarenta anos subsequentes à pacificação, os índios Xokleng padeceram de moléstias e viroses comuns ao branco (sarampo, malária, gripe). Com a mortalidade de proporções alarmantes, muitos dos mortos foram abandonados, insepultos, servindo de alimento aos cães¹².



Quadro 01: Tipos de enterramentos, observados pela etnografia.

Os enterramentos podem ainda, ser primários ou secundários. Os primários correspondem ao primeiro ritual com o corpo, quando este é acondicionado ou depositado em covas. Estipula-se uma posição para o corpo, e muitas vezes uma orientação deste em aos pontos cardeais ou elementos estruturais como a orientação da cabeça em relação à aldeia.

Os enterramentos secundários correspondem a um novo tratamento do corpo, desta vez constituído apenas pelos tecidos duros (ossos), quando o corpo é retirado do ambiente onde foi previamente acomodado e transportado para outro espaço. Esse enterramento pode ser individual, com apenas as ossadas de um indivíduo, ou múltiplo, com as ossadas de vários indivíduos. A conexão anatômica nesse caso está comprometida; embora tenha sido observada em alguns grupos uma disposição organizada dos ossos em cova.

Os sepultamentos secundários são identificados desde o período Musteriense, e ocorrem em muitas sociedades, inclusive na nossa, até os dias atuais¹³.

Os locais de enterramentos também são muitos e variam segundo os critérios adotados por cada grupo cultural. Vão desde cavernas, templos, locais específicos para práticas até o próprio ambiente de moradia ou caça, como o interior das aldeias, o fundo das casas ou o caminho da caça.

O termo sepultamento, também muito utilizado, corresponde ao acondicionamento genérico do corpo em covas, túmulos, gavetas, caixas ou urnas cerâmicas, não necessariamente sob a terra. Para esse trabalho adotamos a terminologia enterramento, julgando ser esta a mais precisa para a arqueologia pré-histórica do Nordeste do Brasil, considerando o histórico das pesquisas até então.

A incineração ou a cremação são práticas funerárias que consistem na queima total do corpo do morto. Pode culminar com a ingestão das cinzas ou com o acondicionamento destas em recipientes. Tal prática é bastante difícil de ser localizada com o recuo cronológico, visto que seus vestígios materiais são escassos e de difícil detecção.

É possível distinguir entre um processo de cremação e a ação do fogo; como a presença de fogueiras por cima de um enterramento. A ação do fogo deixa os ossos apenas parcialmente

queimados, às vezes modificando sua coloração do branco para o cinza. Já o processo de cremação, quando não decompõe por completo a matéria, a cor dos ossos é transformada de branco para cinza bastante escuro ou preto, além de provocar fissuras profundas nos ossos restantes.

A queima completa do corpo e a posterior ingestão de cinzas misturadas a bebidas ou comidas, prática essa observada pela etnografia, não deixa vestígios para a arqueologia pré-histórica.

Procedimentos Teórico-Metodológicos

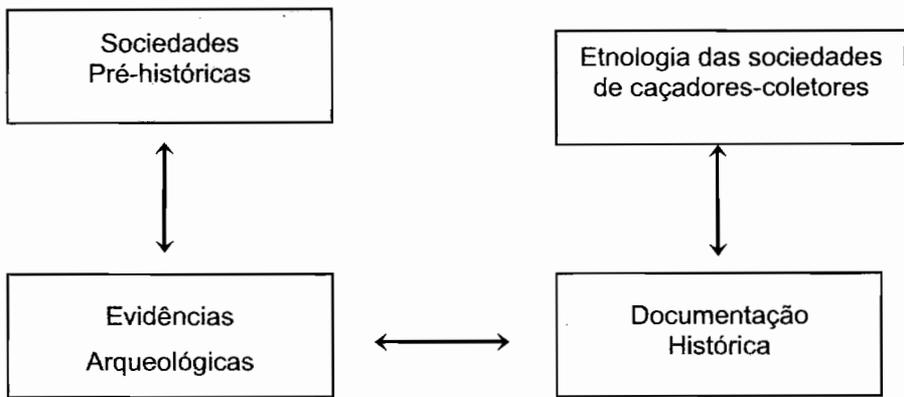
O estudo de grupos pré-históricos requer uma cooperação interdisciplinar necessária para alcançar não apenas sua cultura material, mas também para compreender de que forma estes estavam organizados. A organização social dos grupos pré-históricos tem sido atualmente trabalhada por três disciplinas: História, Antropologia e Arqueologia, que impulsionam seus estudos na direção de uma melhor compreensão destas culturas (quadro 02).

Essas três disciplinas têm o mesmo problema, o de se ocupar do estudo dos grupos humanos de tal forma que lhe permita a construção ou a reconstrução de suas sociedades. Mas, divergem quanto aos métodos utilizados na abordagem do problema.

As evidências sobre o passado assumem variadas formas, de documentos escritos observados por autóctones ou espectadores forâneos à tradição oral, passando por mitologias e análises da cultura material.

Na ausência de registros escritos, o estudo dos grupos pré-históricos encontra-se comprometido com os documentos da cultura material. Esses vestígios se tornam fontes principais para a compreensão do modo de vida desses grupos.

A Arqueologia¹⁴ Pré-Histórica trás o arcabouço teórico e metodológico necessário para se estudar os vestígios desse passado. É uma disciplina que trata das técnicas necessárias à recuperação dos restos materiais do passado, tornando-se, segundo B.Trigger¹⁵, um corpo de habilidades capaz de fornecer dados que possam ser utilizados por várias disciplinas.



Quadro 02: Associação entre as disciplinas para um melhor entendimento das sociedades Pré-históricas.

Fonte: Adaptado do esquema de FERNANDES, João A. Cunhã a mameluca, em busca da mulher tupinambá, 1997.

Ao direcionarmos nosso trabalho para a investigação da documentação arqueológica, produzida sobre os enterramentos pré-históricos no Nordeste, trabalharemos sob a perspectiva teórica e metodológica da arqueologia pré-histórica, a fim de nos permitir a análise e interpretação dos vestígios.

Utilizamos também, trabalhos etnográficos e suas metodologias de análise documental, na tentativa de evitar analogias simplistas e aumentar a compreensão das variações das práticas funerárias em grupos análogos ou distintos.

A escolha do Perfil Teórico

A utilização de teorias na prática da Arqueologia representa, em primeiro lugar, a possibilidade de trabalharmos cientificamente a partir de problemas e não apenas a partir de vestígios encontrados¹⁶. Utilizando teorias, podemos em um primeiro momento identificar e definir uma problemática e tentar explicá-la buscando uma solução.

Segundo K.Popper¹⁷, as teorias científicas são redes, lançadas para capturar aquilo que denominamos 'o mundo', a fim de racionalizá-lo, explicá-lo e dominá-lo. Portanto, as teorias

científicas não são estáticas, estando em constante mutação, sendo elaboradas e reelaboradas no sentido de torná-las mais compreensíveis e aceitáveis, estreitando a malha da rede.

A escolha de uma ou mais teorias, quando complementares, não implica somente uma consciência científica, como é de fundamental importância para a pesquisa, pois será esta escolha que direcionará, ao nível das idéias, todo o trabalho de pesquisa, análise e interpretação dos dados.

Afastando esse trabalho das acaloradas discussões teóricas, pautamo-nos na complementaridade, aceitando que muitas vezes uma teoria completa outra, levantando problemas que podem ser analisados e trabalhados diante da concepção de ambas as teorias, desde que estas não sejam completamente antagônicas. Para A.Kern¹⁸, “mesmo que teorias possam apresentar muitas versões um pouco diferentes sobre a mesma realidade, elas não são fundamentalmente contraditórias e sim complementares”.

Assim para este trabalho, compreendemos a importância do pensamento da escola Processual e Pós-processual para os estudos das práticas funerárias, pois dentro dessas duas perspectivas teóricas as práticas funerárias passam a ser integradas e estudadas em contexto com os demais aspectos da cultura material.

O processualismo com suas vertentes, faz-se presente nesse trabalho no momento em que compreendemos as práticas funerárias como reflexo dos gerenciamentos internos de um grupo cultural. Assim, são estas, constituintes de um sistema, formando um subsistema que se encontra em total acordo com os agentes que regem o grupo cultural. Não ousamos, neste trabalho a busca desses fatores, mas no momento em que nos preocupamos em compreender melhor as práticas funerárias e seus elementos constituintes, como sepultura, acondicionamento do corpo e utilização de cultura material junto ao enterramento, acreditamos estar contribuindo com informações que unidas aos demais aspectos da cultura material, formulen inferências sobre distintos grupos pré-históricos que habitaram a região nordestina.

Dentro da visão Pós-processualista, cada manifestação cultural é resultado de uma história peculiar, conferindo-lhe identidade própria. P.Pearson, ressalta que os enterramentos só podem ser compreendidos através de suas relações contextuais com outros assentamentos e rituais

ção-funerários contemporâneos¹⁹. De acordo com tal visão, compreendemos que existem dois lados do estudo das práticas funerárias; um formado pelo material do comportamento social e outro representando aspectos ideológicos do comportamento humano. Procuraremos nesse trabalho atingir o composto material e trabalhá-lo a fim de segregar elementos que possam nos fornecer padronizações.

Para o estudo das práticas funerárias no Nordeste do Brasil se faz necessário, reunir exaustivamente uma grande quantidade de dados não apenas sobre aspectos materiais das práticas funerárias, mas também, aspectos contextuais onde estas foram desenvolvidas.

O ordenamento primeiro dessas informações permitirá partir para trabalharmos com categorias de entradas para podermos a partir daí estabelecer padrões e associar estes aos demais aspectos da cultura material como pintura rupestre, material lítico, material cerâmico e só aí então passar a pensar em grupos culturais distintos.

Documentação

Para fins da investigação proposta, poderemos trabalhar com dois tipos de documentação: a documentação arqueológica, que fornece além dos postulados teóricos e da estrutura metodológica, todos os dados para a pesquisa, e a documentação etnográfica brasileira, servindo de auxílio na busca de variáveis para a identificação de padrões.

Documentação arqueológica

As fontes arqueológicas nos informam não apenas os tipos de enterramentos dos grupos pré-históricos, mas também dados sobre os processos deposicionais, pós-deposicionais e contextuais do sítio onde os enterramentos foram evidenciados.

Evidências de práticas funerárias em populações pré-históricas estudadas pela Arqueologia através de seriações e ordenações cronológicas, podem ser observadas ainda no século XIX nos trabalhos de J. Worsaae, que originaram a Lei de Worsaae, um princípio segundo o qual os artefatos encontrados junto aos sepultamentos teriam sido utilizados na época da ocupação do

sítio. J.H.Rowe²⁰ e M.B.Schiffer²¹ referem-se à lei como um dos primeiros princípios gerais da interpretação arqueológica, propiciando o uso dos materiais utilizados na época para estabelecer as cronologias das sepulturas.²²

Mais recentemente, L.Binford²³ e A.Saxe²⁴ procuraram desenvolver um corpo de teoria para auxiliar a reconstrução dos sistemas sociais que deram origem aos rituais funerários. Baseados na etnologia comparativa²⁵ demonstram a existência de regularidades transculturais na relação entre a organização das comunidades vivas e seus tratamentos funerários.

L.Binford sugere que o tratamento funerário diferenciado dentro de um mesmo grupo cultural, pode ser entendido a partir de quatro variáveis: sexo, idade, status e filiação social. Segundo ele, quanto maior o status do morto, maior será o grau de envolvimento da comunidade no ritual²⁶.

O'Shea²⁷, numa tentativa de buscar grupos culturais distintos através dos enterramentos, vai além das prerrogativas de L.Binford e apresenta seis categorias gerais para o estudo dos rituais funerários:

- aspectos biológicos (número de indivíduos, sexo e idade);
- preparação e tratamento do corpo (tipo de disposição, posição);
- características da sepultura (forma, dimensão, profundidade);
- acompanhamentos funerários (variedades, quantidades, formas);
- localização (área do enterramento, distribuição espacial dentro do sítio);
- aspectos ambientais (condições ambientais ao tempo do enterramento, através dos vestígios de polens e insetos).

Outros autores também apresentam novas propostas para o trabalho com enterramentos pré-históricos, numa tentativa de integrá-los aos elementos dentro da organização social, a exemplo disso temos os trabalhos de M.Shanks e C.Tilley²⁸.

No Brasil, o investimento no estudo das práticas funerárias ainda é considerado tímido. Não obstante, a excelência das contribuições como as de J.Martins²⁹, J.Reis³⁰, M.Carneiro da Cunha³¹ e E.Castro³², atestam crescente vitalidade das pesquisas no campo das práticas funerárias.

Na documentação arqueológica, observamos que o potencial do estudo das práticas funerárias entre os grupos pré-históricos do Nordeste do Brasil tem sido também pouco explorado. Normalmente os trabalhos realizados sobre as práticas funerárias, têm tratado os espaços destinados aos enterramentos e seus conteúdos de forma separada. Na maioria das publicações, os enterramentos de um sítio são descritos como um todo, uma massa compacta, como se todos fossem realizados da mesma forma e muitas vezes distanciados dos demais componentes do sítio arqueológico, representando um comportamento social separado da vida cotidiana.

Trabalhos como os de L.Machado³³, G.Sene³⁴, L.Kneip³⁵, M.Melo e Alvim³⁶, demonstram interesse em trabalhar questões biológicas unidas às práticas funerárias na busca de padrões de enterramentos. Assim como os trabalhos de N.Guidon³⁷, G.Martin³⁸, J.Rocha³⁹ e J.Lima⁴⁰ aprofundaram os estudos das práticas funerárias estudando-os em contexto com os demais aspectos arqueológicos do sítio (registros gráficos, materiais líticos e cerâmicos).

As fontes arqueológicas utilizadas para desenvolver trabalhos sobre práticas funerárias devem corresponder às publicações de autoria dos próprios pesquisadores, a fim de atingir dados mais precisos sobre os sítios, o que geralmente não ocorre quando trabalhamos com obras de caráter mais geral, como compêndios.

Mesmo optando por trabalhar com artigos específicos de sítios que apresentam informações sobre enterramentos, não estamos isentos de depararmos com informações incompletas e dados contraditórios, o que representa um sério problema para a interpretação dos dados.

Isso, provavelmente, deve-se ao fato dos enterramentos muitas vezes não serem o objetivo primeiro dos artigos, aparecendo sempre na composição da descrição do potencial do sítio arqueológico.

Podemos dividir as fontes bibliográficas da arqueologia pré-histórica brasileira em dois períodos historiográficos distintos.

O período de 1940 a 1965, chamado de formativo da pesquisa arqueológica brasileira, é caracterizado pela atuação de amadores e pelo despertar das instituições oficiais que procuraram

criar centros universitários de pesquisas arqueológicas, com a colaboração de profissionais estrangeiros americanos e franceses, visando à formação de especialistas locais⁴¹.

No Nordeste, os estudos arqueológicos concentraram-se às margens do rio São Francisco e na faixa litorânea a procura dos sambaquis. Poucos sítios, porém, apresentaram evidências de práticas funerárias.

O etnólogo C. Estevão em 1930 trabalhou nas escavações do sítio Gruta do Padre, no município de Petrolândia (PE). O sítio sofreria mais duas intervenções, em 1960 com V. Calderón, responsável pelo Projeto Itaparica e com G. Martin em 1975. A partir do material arqueológico resgatado, obtiveram-se datações de C14, que situaram o sítio entre 4000 e 2500 anos B.P.

O período seguinte inicia-se com o Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas (PRONAPA) e com ele uma série de discussões sobre métodos em Arqueologia.

Hoje, a Arqueologia brasileira caracteriza-se pela multiplicação dos centros de pesquisa; tentativas de planejamento de grandes projetos de campo, com o propósito amplo de estabelecer áreas arqueológicas⁴²; tentativas de uniformizar nomenclaturas e vocabulários e, principalmente, creditar positivamente as datações absolutas.

Atualmente, as pesquisas arqueológicas no Nordeste preocupam-se com as áreas de atuação dos grupos pré-históricos, ultrapassando os limites do sítio e expandido a compreensão do espaço utilizado pelo homem pré-histórico. Esse espaço ou área arqueológica vem sendo trabalhado de forma sincrônica e diacrônica, a fim de possibilitar maiores inferências sobre os grupos culturais que habitaram essa região em tempos remotos.

Na observação da bibliografia referente à pré-história nordestina, evidenciam-se vestígios de enterramentos nas seguintes áreas arqueológicas: Xingó (SE); Seridó (RN); Vale do Ipojuca (PE), Vale do Ipanema (PE), região de Central (BA), assim como no enclave arqueológico do Parque Nacional Serra da Capivara (PI), nos sítios do Vale do São Francisco e nos sambaquis (MA e BA). (Fig. 03)

Trabalhando com os elementos recorrentes e ausentes em cada um dos enterramentos, poderemos chegar a padronizações que serão identificadas pelas tendências de características dos agrupamentos que se formarão.

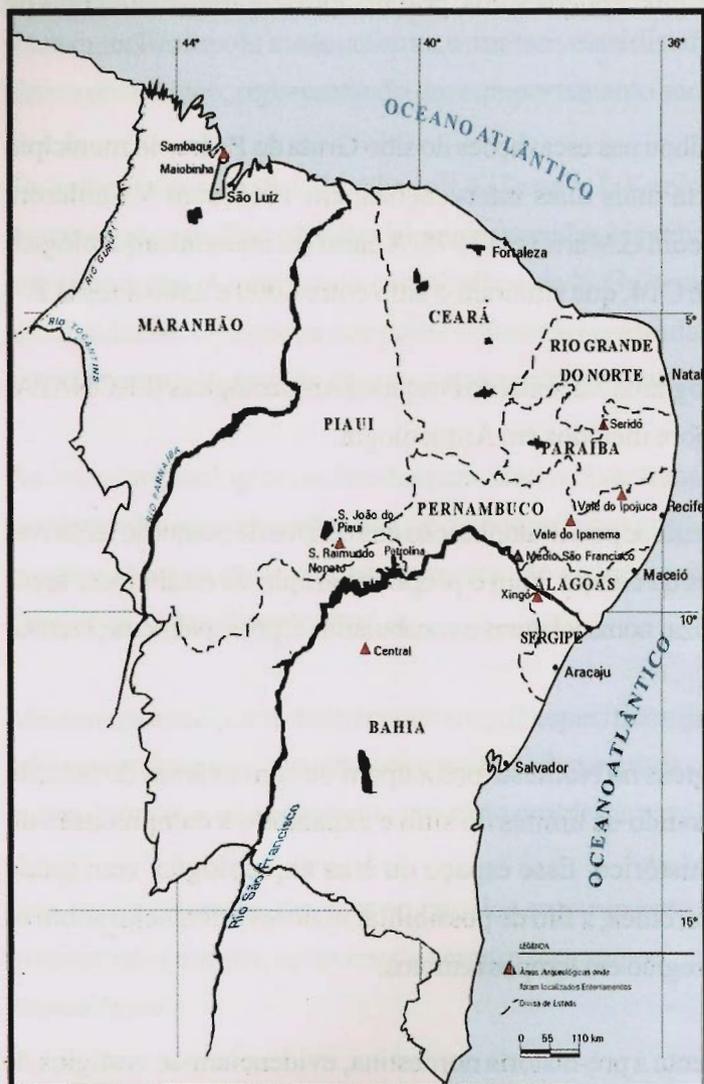


FIGURA. 03: Mapa das Áreas que aparecem vestígios de enterramentos pré-históricos.

Fonte: Adaptado de MARTIN, G. Pré-história do Nordeste do Brasil. Recife: Ed. Universitária. 1997.

O estabelecimento de padrões funerários será dado pelo reconhecimento de características recorrentes, como tipo de enterramento (primário ou secundário); acondicionamento do corpo

(fossas, urnas cerâmicas ou cestarias); acomodação do esqueleto na sepultura e quantidade de indivíduos por sepultura.

Documentação Etnográfica

A utilização de dados etnográficos evita interpretações simplistas e demonstra a diversidade cultural. A tentativa de se explicar a pré-história através de dados etnográficos foi expressa, já no século XIX por L.Morgan, que dizia que uma forma de conhecer as sociedades pré-históricas seria através do estudo das civilizações primitivas atuais.

A Arqueologia sul-americana tem-se confrontado, desde seus primórdios, com sociedades variadas de caçadores-coletores e agricultores; e o contato com essas culturas, faz com que cada vez mais, documentos etnológicos aproximem arqueólogos e etnólogos na busca do passado dos grupos antigos.

Por certo, nenhuma observação realizada com grupos históricos pode revelar de forma concreta e definitiva feitos do passado, mas munindo-nos de informações combinadas: escavação; análise de laboratório e informações etnográficas poderemos visualizar de forma mais precisa alguns horizontes do passado remoto do homem.

Os documentos etnográficos constituem uma fonte complementar para a compreensão dos enterramentos pré-históricos, sendo essenciais não somente na busca de elementos constituintes dos enterramentos, mas na procura por um diálogo onde possam ser apresentados novos questionamentos e melhores respostas ao que procuramos.

Trabalhos como os de E.Tylor e J.Frazer, no século XIX, já procuravam fazer comparativos sobre as práticas funerárias entre as populações caçadoras-coletoras, embora o fato de se ter buscado mais similaridades do que diferenças tenha tornado essas teorias frágeis. Posteriormente, os trabalhos de R.Hertz (1907), B.Malinowski (1925) e A. Van Gennep (1932), dedicaram mais atenção às práticas e rituais funerários em contextos culturais diferentes.

Na segunda metade do século XX, F.Boas, apresenta seu alerta para as diversidades culturais. Obtendo a atenção dos arqueólogos para a falácia do postulado que ditava: “se os processos técnicos ou objetos da cultura material são similares em certos aspectos, também o serão em outros”.

Vincular de forma direta sociedades do passado com sociedades viventes, mesmo que ainda em estágio cultural de caçadores-coletores, nos parece perigoso, pois como afirma I.Hodder⁴³, uma cultura pode ter manifestações iguais a outra, mas tem razões diferenciadas para suas manifestações.

Importante mencionar o cuidado com as analogias diretas da cultura material das sociedades primitivas ainda viventes, com supostos grupos étnicos pré-históricos, pois as sociedades humanas devem ser compreendidas como sistemas abertos sem fronteiras, sujeitos às dinâmicas. Nos parece que nenhuma observação realizada na atualidade pode revelar de forma concreta e definitiva feitos do passado, mas cercando-se de informações combinadas (escavação, análise de laboratório e informações etnográficas), acreditamos poder visualizar de forma mais acurada alguns horizontes do passado remoto do homem, corrigindo detalhes e preenchendo lacunas relativas não só a tecnologia, mas também a sua organização social.

Na documentação arqueológica brasileira, a utilização de informações etnográficas sobre práticas funerárias está expressa nos trabalhos de G.Martin⁴⁴, W.Chicara⁴⁵, I.Becker⁴⁶, P.Schimitz⁴⁷, M.Gaspar⁴⁸, J.Rocha⁴⁹, J.Lima⁵⁰, F.Noelli⁵¹ e R.Lavina⁵².

G.Martin, J.Rocha e J.Lima trabalham com fontes etnográficas e com obras de cronistas e viajantes como auxílio para melhor compreender grupos pré-históricos, mas refletindo sempre a preocupação de não extrapolar dados de um campo para o outro, levando em conta as grandes distâncias cronológicas e culturais que as separam⁵³.

Outros trabalhos como os de W.Chicara⁵⁴ e D.Montardo⁵⁵ são importantes na medida em que apresentam alguns pressupostos de como os arqueólogos podem se valer dos estudos etnológicos para realizar inferências sobre práticas funerárias na pré-história.

Ao analisarmos a problemática das fontes etnográficas de cronistas e viajantes, faz-se necessária a adoção de algumas medidas contextualizadoras para cada uma das fontes, a fim de resguardar seu comprometimento com a veracidade científica. Apontamos que o simples arrolamento de tipos básicos de enterramentos, não deve ser adotado como método comparativo e que é necessária a inclusão de outras variáveis.

Para analisar a confiabilidade das fontes primárias em relação aos grupos indígenas do Nordeste em contato com os europeus nos séculos XVI, XVII e XVIII, podemos recorrer a informações de dois tupinólogos que criticaram de forma bastante severa a relação fontes-veracidade: F.Fernandes⁵⁶ e J.de Oliveira Filho⁵⁷.

F.Fernandes em seu ensaio *Um balanço crítico da contribuição etnográfica dos cronistas*, propõe um exame crítico do conteúdo etnográfico das obras quinhentistas e seiscentistas, e assim abre perspectivas mais larga de aproveitamento para dados obtidos nestas fontes.

Para F.Fernandes, é possível através da utilização de dois fatores, autoridade e independência das fontes, chegar a uma confiabilidade maior de suas informações. Para tanto, estabelece que as autoridades das fontes podem ser analisadas pelo tempo e tipo de contato que alguns autores tiveram com os grupos indígenas.

Para o Nordeste podemos, utilizar as obras de autores que conviveram com os grupos indígenas. Tanto os que conviveram mais intimamente como G.Soares e Sousa⁵⁸, F.Cardim⁵⁹ e Y.d'Evreux, como os que travaram contato mais esporádico com os grupos, como R.Baro e C.d'Abbeville. Utilizamos também, as obras de H.Staden⁶⁰ e J.Lery⁶¹ que mesmo não tratando do Nordeste, são obras de caráter geral sobre os costumes dos índios Tupinambá e nos interessaram por demonstrar a diversidade dos enterramentos.

Quanto à independência das fontes, F.Fernandes se refere à influência dos autores, não só segundo as instituições religiosas e políticas das quais são pertencentes, mas também ressalta a literatura por eles consultada. Para ele, a ausência da influência de outros escritores pode ser constatada nas obras de H.Staden, A.Thevet e P.M.Gandavo. Já nas obras dos jesuítas, G.Soares e Sousa e J.de Lery, aparecem, muitas vezes, a clara influência de outras obras etnográficas.

A postura de F.Fernandes em alegar que as obras de cronistas e viajantes podem ser consideradas, observando a independência e autoridade, gerou críticas severas entre historiadores e etnólogos, como R.Raminelli e J. Oliveira Filho.

“A análise da documentação quinhentista e seiscentista dedicada ao cotidiano indígena permite ainda repensar as pesquisas etnográficas sobre os antigos Tupinambás. Alfred Métraux, Florestan Fernandes e Eduardo Viveiro de Castro, entre tantos outros tupinólogos, leram os relatos deixados por europeus, como homens do século XX, completamente alheios aos princípios da colonização. Hans Staden, Gabriel Soares de Sousa e Jean de Léry não eram etnógrafos (...). Para os antropólogos, as narrativas sobre ritos e mitos escritas pelos primeiros exploradores tornam-se confiáveis quando encontram similitudes com as etnografias atuais, ou quando foram descritas por mais de um testemunho. Para os historiadores os critérios apresentados pelos tupinólogos, são frágeis, pois um mesmo evento pode expressar um determinado significado no século XVI e outro, tempos depois”⁶².

A crítica de R.Raminelli à analogia é justa, mas a preocupação etnológica atual proclama que cada geração lê as grandes obras dessa literatura produzida por cronistas e viajantes de maneira diferente e distintiva, de acordo com o seu universo simbólico. Um dos principais indícios valorativos dessas obras encontra-se exatamente na riqueza intrínseca de suas descrições.

Faz-se necessário, porém, que o arqueólogo, o historiador ou o etnólogo se conscientize que toda a informação positiva fornecida por um cronista se refere àquele grupo àquela época. Utilizando as palavras de Oliveira Filho:

“O valor etnográfico de um relato histórico não é em si maior ou menor que dados de observação direta; seu valor é instrumental e depende da definição do conteúdo da investigação realizada”⁶³.

a) Literatura de Cronistas e Viajantes

Ao Novo Mundo afluíram viajantes procedentes das mais diversas nações e formações. Clérigos, religiosos, escrivãos, oficiais e soldados, aqui se tornaram os primeiros observadores de uma cultura, diferente e exótica.

Os relatos desses primeiros viajantes e aventureiros que percorriam o país registravam a fauna, a flora e colhiam informações sobre a cultura dos nativos, no sentido de conhecer melhor os territórios ultramarinos e suas potencialidades. A documentação dessa época é bastante diversificada, atendendo às posturas teóricas e às origens diversas de seus autores.

Dentro da vasta historiografia dos cronistas e viajantes que estiveram no Nordeste e relataram os costumes dos povos indígenas que aqui viviam, existem obras que tratam com melhor cuidado os ritos funerários dos grupos descritos.

As práticas observadas na literatura arqueológica encontram-se distantes, espacial e cronologicamente dos relatos e crônicas aqui mencionados. Entretanto, podem revelar algumas práticas funerárias que não deixam marcas no registro arqueológico, sendo sua existência descrita nos relatos dos observadores. Entre estas práticas está o controvertido endocanibalismo.

b) documentação etnográfica e etnológica

Na análise da literatura etnográfica, é necessária a seleção dos dados relevantes às práticas funerárias realizadas pelos grupos indígenas hodiernos, embora ressaltemos que, como a literatura dos viajantes, a documentação etnográfica compromete-se apenas em descrever o grupo humano estudados. Atentos a isso, esses dados são de significativa importância na elaboração de inferências sobre as práticas funerárias evidenciadas pela Arqueologia pré-histórica brasileira.

Existem muitas publicações dedicadas ao tema ou nas quais as informações são mais detalhadas. Entre elas podemos citar M.C.da Cunha⁶⁴ O mortos e os Outros; E.V.de Castro⁶⁵ Araweté: os deuses canibais; J.C.Melatti Ritos de uma tribo Timbira; A.Metraux⁶⁶ A religião dos Tupinambá e E.Pinto Etnologia brasileira⁶⁷. Essas fontes apontam características de práticas funerárias realizadas ainda hoje por grupos indígenas, ou mesmo práticas antigas recuperadas pela tradição oral desses povos.

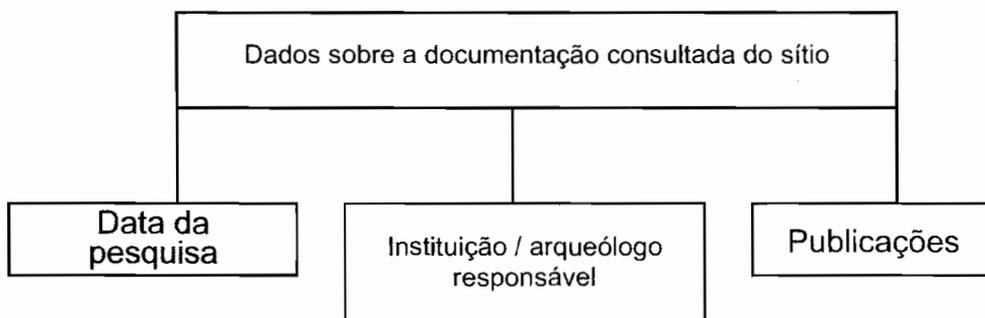
Antes de darmos início às questões metodológicas, pretendemos esclarecer que não houve a intenção de esgotar o tema ilustrando todas as práticas funerárias descritas pela etnografia, mas apontar algumas descrições que concorram para ilustrar as práticas funerárias dos grupos indígenas

habitantes da região Nordeste, ou que tragam em seu cerne, elementos significativos para o auxílio da arqueologia pré-histórica.

Procedimento Metodológico

Uma das questões mais importantes na análise das fontes é a escolha das variáveis operacionais a serem trabalhadas e como se obter um maior controle sobre elas. Em nossa escolha por essas variáveis, procuramos selecionar dados que primeiro nos possibilitassem o reconhecimento do sítio a ser estudado e a metodologia utilizada na escavação. A seguir, trabalharemos o sítio em seus aspectos mais gerais (tipo de sítio e sua localização) e, por último, analisaremos os aspectos das práticas funerárias.

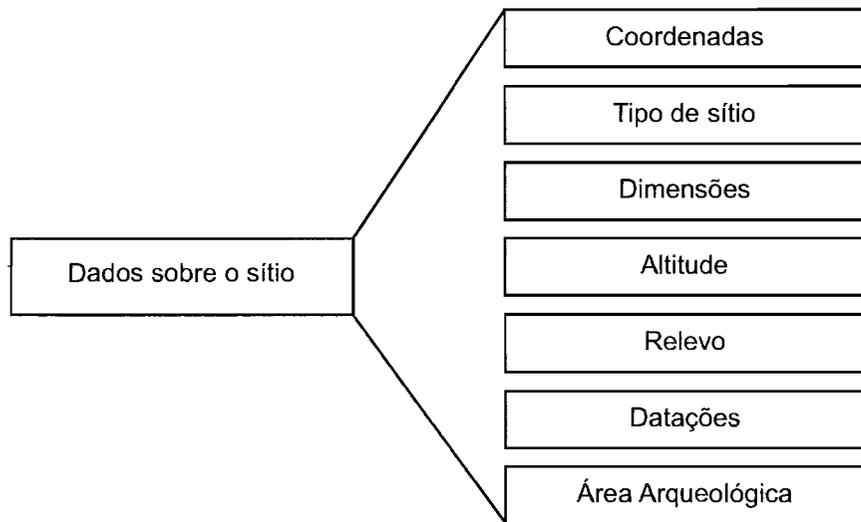
A sistematização de dados relativos a pesquisas realizadas nos sítios arqueológicos que apresentam vestígios de práticas funerárias, foi pensada de forma a englobar as categorias principais que tratam da documentação do sítio: data de escavação, equipe responsável e publicação. Essas categorias permitem compreender sobre qual perspectiva o sítio foi escavado, permitindo uma melhor avaliação dos dados sobre enterramentos obtidos nos respectivos sítios, visto que a bibliografia pesquisada muitas vezes não se refere unicamente às práticas funerárias, estando integrada às estruturas arqueológicas evidenciadas no sítio (quadro 04).



QUADRO 04: Esquema das categorias para o estudo da documentação.

A caracterização dos sítios arqueológicos que apresentam vestígios de práticas funerárias tem por objetivo fornecer informações gerais sobre esses sítios dentro do espaço⁶⁸ geográfico em que está inserido – coordenadas geográficas, tipo de sítio, dimensões, altitude, relevo, datações

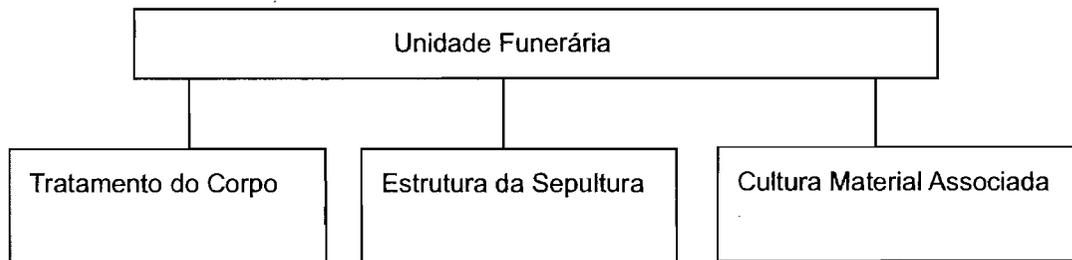
absolutas diretas ou indiretas e área arqueológica onde está inserido. Essas informações permitem conhecer melhor cada sítio estudado e observar se existe algum tipo de influência dessas características nos enterramentos (quadro 05).



QUADRO 05: Esquema das categorias para o estudo dos sítios.

As unidades funerárias (enterramentos) configuram-se no principal objeto de estudo. A definição da unidade funerária baseia-se na presença de restos antropológicos ou em informações suficientes que assegurem sua presença original, ou seja, a certeza da existência de comportamentos funerários⁶⁹.

Para o estabelecimento dos critérios de unidades funerárias, foram utilizadas três classes principais que representam os componentes de uma unidade funerária: tratamento do corpo, estrutura da sepultura, cultura material associada (quadro 06).



QUADRO 06: Esquema metodológico para o estudo da unidade funerária

a) Tratamento do Corpo

Essa classe permite analisar os tipos de enterramentos (primário ou secundário); acomodação do corpo (disposição e orientação do esqueleto); quantidade de indivíduos por sepultura e presença de corante utilizado nos enterramentos – seja por pulverização tingimento dos ossos.

A deposição do corpo dentro de cova ou urna, também sofre variação em grupos culturais diferentes ou ainda, dentro do mesmo grupo. Em geral, refletem comportamentos diários efetuados pelo próprio grupo cultural.

A disposição e a orientação do corpo na cova, também devem constar como base no estudo, pois se constatado padrões, podemos promover inferências sobre orientação da aldeia ou mesmo pontos cardeais que constituem em divisões importantes para o grupo.

Os dados de antropologia física são pertinentes, não devem, porém aparecer isolado do contexto, o estudo das características físicas e patológicas dos esqueletos pode ser incorporado ao estudo das práticas funerárias resultando na inter-relação entre os elementos do enterramento, e seus caracteres biológicos.

As descrições de sexo e idade do esqueleto, por exemplo, são variáveis a ser consideradas dentro da estrutura social. As divisões de trabalho e hierárquica, em geral, se fazem mediante diferenças sexuais e etárias.

b) Estrutura da Sepultura

A Estrutura da sepultura⁷⁰ corresponde ao tipo desta (fossas, urnas ou cestas); suas características morfológicas (profundidade, largura, formato) e seu preenchimento (pedras ou restos vegetais).

É necessário também observar a existência ou não, de uma área reservada para os sepultamentos; a distribuição dos sepultamentos em relação a eles mesmos e a distribuição espacial de cada unidade, cada sepultura.

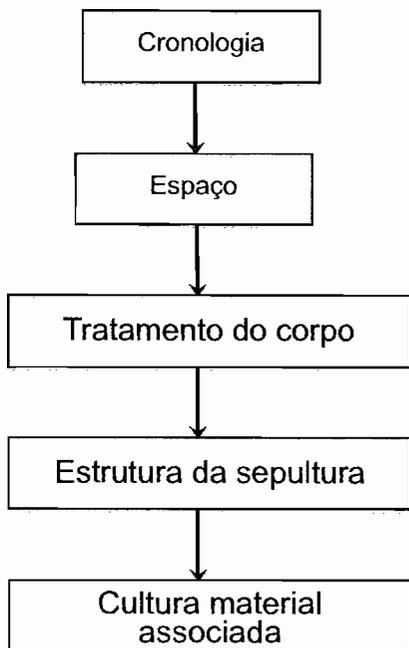
Nessas categorias, poderemos encontrar e definir melhor as marcas ou interferências individuais ou coletivas junto aos enterramentos.

c) Cultura Material Associada

Nessa classe entram todos os objetos que acompanham o esqueleto: os artefatos (adornos, contas de colar, tembetás); objetos de uso pessoal (tacapes, arcos) e também as fogueiras.

É a partir do cruzamento dessas categorias que poderemos identificar as modalidades de enterramento existentes na pré-história e a partir dessas, estabelecer padrões para os enterramentos para a Área Arqueológica.

Uma vez classificados e definidos os parâmetros utilizados na construção de nossa pesquisa, poderemos dar início a um minucioso levantamento dos sítios, analisando cada uma das categorias descritas acima. Alguns elementos podem ser priorizados, tais como cronologia, espaço, tratamento do corpo, estrutura da sepultura e cultura material associada (quadro 07).



QUADRO 07: Esquema para o estabelecimento dos padrões, para enterramentos datados.

O que pretendemos aqui é apontar as necessidades de tentar compreender as práticas funerárias como um complexo, entendendo seus processos biológicos, sociais e culturais, sem perder as dimensões dos processos deposicionais e pós-deposicionais frequentes no registro arqueológicos. Neste trabalho nos restringimos a apresentar apenas uma área arqueológica para o desenvolvimento da metodologia exposta.

Área arqueológica Serra da Capivara

As pesquisas arqueológicas nessa área tiveram início na década de 1970 com o projeto Povoamento do Sudeste do Piauí coordenado por N.Guidon. Ao longo de 30 anos, o projeto possibilitou a reunião de dados de grande importância para a compreensão da pré-história brasileira.

A área do Parque Nacional Serra da Capivara (PI), criado em 1979, situa-se entre duas formações geológicas de grande importância para o entendimento das migrações pré-históricas, a bacia sedimentar do Piauí-Maranhão e a depressão do São Francisco.

O Parque Nacional Serra da Capivara é o único enclave arqueológico da região Nordeste, apresentando as mais completas associações diacrônicas e sincrônicas para o estudo da pré-história da região. Dos 30 sítios escavados apenas 6 apresentam vestígios de práticas funerárias⁷¹. O estudo de parte desses sítios ainda está em andamento, principalmente no que se refere as caracterizações antropométricas.

Sítio Cana Brava

O sítio arqueológico Cana Brava localizados entre as coordenadas 9o16'179"S e 43o09'341"W foi escavado pela equipe da FUMDHAM (Fundação Museu do Homem Americano) entre os anos de 1996 e 1997. Cana Brava é um sítio a céu aberto, localizado numa área de várzea, denominada Baixão de Cana Brava. Sua datação encontra-se entre 490±50 e 790±50 anos B.P.

Foram evidenciadas durante o salvamento cinco urnas funerárias que submetidas ao casulo de gesso foram escavadas em laboratório e revelaram enterramentos primários de crianças.

As urnas foram achadas em locais de grande concentração de vestígios arqueológicos variados, indicando que os enterramentos podem ter sido realizados dentro da própria aldeia. Não existem vestígios de enterramentos de adultos, no qual podemos inferir que estes poderiam ter sido depositados fora da aldeia como freqüentemente encontramos na etnografia, ou mesmo realizado dentro da aldeia, mas com outro tipo de inumação.

Todos os enterramentos evidenciados no sítio Cana Brava foram realizados em urnas cerâmicas, e tratavam-se de enterramentos primários e individuais.

Sítio Toca da Baixa dos Caboclos

O sítio arqueológico Toca da Baixa dos Caboclos localiza-se na Chapada do São Francisco, no município de Gervásio de Oliveira (PI), dentro das coordenadas 8o26'667"S e 42o05'034"W.

O sítio constitui-se em um abrigo envolvido pelo escarpamento que marca o limite da chapada. Seu terreno foi tomado pela agricultura de subsistência. Os constantes trabalhos no solo revelaram fragmentos de cerâmicas e urnas, impulsionando uma intervenção arqueológica em 1996, retomada em 1998.

Todos os enterramentos evidenciados em Toca da Baixa dos Caboclos foram identificados como primários e individuais. Os enterramentos 1, 2, 3, 4, 5, 7 e 8 foram realizados em urnas cerâmicas e apenas o enterramento 6 em cova. Foram obtidas para este sítio duas datações, 450 anos, correspondente ao enterramento 1 e 230 anos BP para o enterramento 8 (figs. 04 e 05).

Apesar das análises antropométricas não estarem ainda totalmente concluídas, as pesquisas no sítio revelaram enterramentos em urnas tanto de crianças como de adultos, inserindo esse sítio em uma condição muito singular no Nordeste: enterramentos primários de adultos em vasilhas cerâmicas.



FIGURA 04: Sítio Furna dos Caboclos, São Raimundo Nonato - PI. Enterramento em urna cerâmica. Imagem: Arquivo da Fundação Museu do Homem Americano. FUMDHAM



FIGURA 05: Sítio Furna dos Caboclos, São Raimundo Nonato - PI. Enterramento em urna cerâmica. Imagem: Arquivo da Fundação Museu do Homem Americano - FUMDHAM.

Sítio Toca dos Coqueiros

O sítio arqueológico Toca dos Coqueiros é um abrigo sob rocha, localizado no vale do Baixão das Mulheres, município de Coronel José Dias (PI), entre as coordenadas 8o50'290"S e 42o3'739"W.

A área do abrigo é pequena, medindo 30m de comprimento por 2,7m de largura, situando-se a 14m acima da base do vale. O paredão rochoso apresenta registros rupestres classificados como pertencentes à Tradição Nordeste.

O sítio vem sendo escavado desde 1995 pela equipe da FUMDHAM, e possui datações que atingem 10.640 anos BP (anexo 05).

As escavações do sítio revelaram, até o presente momento, apenas um enterramento individual, primário em cova, cuja datação corresponde a 9.870 anos B.P. Ao lado dos enterramentos do sítio Pedra do Alexandre, compõe as mais antigas evidências de práticas funerárias do Nordeste do Brasil.

Esse enterramento evidenciado no sítio é primário, depositado em cova pouco profunda delimitada por grandes blocos de pedra. Em torno da cova foram evidenciados ossos de animais e cinzas de fogueiras.

O esqueleto estava na posição fetal, em decúbito lateral esquerdo. Sobre ele havia uma espessa camada de cinzas e material lítico, constituído de quinze lascas e duas pontas de flecha.

Sítio Toca do Gongo I

O abrigo Toca do Gongo I no município São João do Piauí, localizado entre as coordenadas 8o36'101"S e 42o31'523"W possui 32,5m de extensão com uma altura média de 1,6m e profundidade máxima de 4,5m. O solo do abrigo é composto por calcário e areia fina, sedimento bastante seco, responsável pela boa conservação do seu material.

A Toca do Gongo I foi o primeiro abrigo escavado no Sudeste do Piauí a apresentar vestígios de enterramentos. Eles estavam dispostos linearmente, quase na entrada do abrigo, na direção

Leste-Oeste. Entre os seis enterramentos, quatro foram realizados em fossas, eram do tipo primário e sobre os esqueletos havia restos de fogueiras; os outros dois esqueletos encontrados em urnas, estavam em estado bastante adiantado de fragmentação, impedindo a análise.

O fardo funerário estava composto de um tecido que análises posteriores revelaram se tratar de uma fibra vegetal, provavelmente caroá (*Neoglazovia variegata* Mez). O esqueleto do enterramento 4, também em posição fetal como os outros, apresentava o diferencial de ter um vaso cerâmico emborcado sobre o crânio. Nos enterramentos em urnas, envolvendo o esqueleto, também foi evidenciado o mesmo tipo de material que compunha os enterramentos em fossa.

Sítio Toca do Paraguai

O sítio arqueológico Toca do Paraguai é um abrigo sob rocha, localizado no município de São Raimundo Nonato (PI), na Serra da Capivara, que neste local caracteriza-se por uma série de vales estreitos, com os boqueirões subindo até o alto da chapada. O riacho que corre em frente à Toca do Paraguai, drena as águas que descem da chapada pelo boqueirão⁷².

Por sua morfologia, o abrigo parece ter sido bastante utilizado por caçadores da região; uso demonstrado pela acentuada perturbação do solo. O sedimento que forma as camadas superficiais é fino, misturado com cinzas e carvão.

No abrigo foram evidenciados dois enterramentos primários e individuais. Um esqueleto encontrava-se em posição de decúbito lateral, outro em decúbito dorsal. Foram obtidas datações de 7.000 e 8.670 anos B.P., respectivamente.

Sob o nível VIII da escavação foi evidenciada uma fogueira; certa quantidade de vegetais (sementes de maniçoba) e pequenos seixos avermelhados pela ação do fogo. A fossa funerária tinha forma alongada, com largura máxima em seu centro de 70cm, e estava inteiramente coberta por ramos dispostos segundo seu comprimento. A cabeça do esqueleto estava orientada na direção Norte-Sul, em posição estendida e em decúbito dorsal, o corpo ligeiramente curvo. Nenhum vestígio cultural acompanhava o enterramento 1, mas provavelmente uma fogueira foi acesa sobre ele (fig.06).

Durante as decapagens do nível XIV, estavam dispostas três grandes pedras, delimitando junto com outros seixos uma fossa circular de 84cm de diâmetro a uma profundidade de 55cm. Dois grandes seixos foram encontrados sob a fossa. Eles apresentavam marcas de uso, provavelmente sejam um moedor e uma mó ou polidor.

Pela posição do esqueleto, posto que se encontrava em uma situação muito contraída, foi possível inferir que sua deposição ocorreu, no máximo, 45 minutos depois de sua morte. Sobre ele foi realizada uma fogueira de onde foram coletados os carvões para posterior datação.

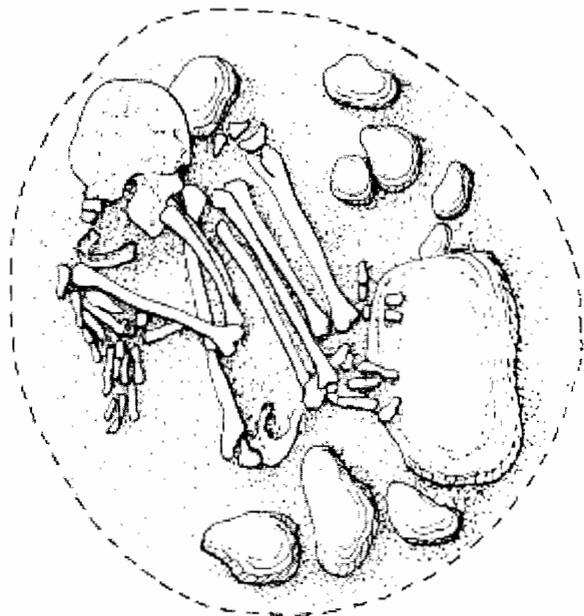


FIGURA 06: Sítio Toca do Paraguaio, São Raimundo Nonato – PI. Enterramento Primário individual.

Fonte: Arquivo do Núcleo de Estudos Arqueológicos – NEA/UFPE.

Sítio Toca do Bojo

O sítio Toca do Bojo, localizado nas coordenadas 8o43'196"S e 42o16'570"W foi escavado na década de 1980. O único rito funerário verificado no sítio, corresponde a um enterramento primário realizado em fossa circular de 70cm de diâmetro. Havia sobre a cova uma fogueira que chegou a calcinar alguns ossos do esqueleto que estava entre pedras.

O esqueleto foi depositado em posição de decúbito lateral, com membros inferiores e superiores fortemente fletidos, a mão direita encontrava-se sobre o queixo e a mão esquerda sobre a cintura.

Em concordância com os dados observados, o enclave arqueológico da Serra da Capivara encontra-se atualmente caracterizado por dois tipos de práticas funerárias: enterramentos em cova estruturados ou não por pedras e enterramentos em urnas funerárias. Ambos contendo enterramentos do tipo primário e secundário. As sociedades pré-históricas não eram estáticas. Seu dinamismo acompanhava as constantes mudanças do meio. Certos processos modificadores, inerentes à própria estrutura social e os próprios mecanismos de adaptação do grupo, determinaram a evolução deste, tanto quanto a incidência de fatores externos.

Ao definirmos enterramentos funerários como nosso objeto de estudo, esperávamos poder contribuir para a investigação dos enterramentos pré-históricos a partir de uma análise arqueologicamente estruturada dos dados até então existentes.

Com o andamento da pesquisa, nos deparamos com algumas situações limitantes, como a falta de informações precisas sobre localização e posição dos enterramentos; falta de datações absolutas ou a falta de uniformidade nas terminologias utilizadas pelos arqueólogos. Tais problemas limitaram a eficácia pesquisa bibliográfica, nos furtando a chance de trabalharmos os dados com maior segurança.

Analisando o tratamento dado ao corpo, a estrutura da sepultura e a cultura material associada para a Área Arqueológica Serra da Capivara, chegamos aos seguintes perfis⁷³:

- Períodos anteriores há 1000 anos B.P: enterramentos primários em urnas e covas circulares; material corante; fogueiras; adornos e pedras associados.
- Entre 1000 e 4000 anos B.P.: enterramentos primários e secundários; cremação ou incineração; covas circulares; material corante; fogueiras; adornos e pedras associados.
- Entre 4000 e 7000 anos B.P.: um grande hiato nas evidencias de práticas funerárias.
- Entre 7000 e 10000 anos B.P.: enterramentos primários e secundários; covas circulares e retangulares; adornos e pedras associadas ao enterramento.

Para construirmos um panorama mais completo sobre as práticas funerárias nessa região, aguardamos com ansiedade o desenvolvimento e o aprofundamento das pesquisas arqueológicas, pois somente de posse de um número de dados – principalmente datações mais significativo e conclusivo, poderemos uni-los à cultura material e às representações gráficas, estabelecendo

padrões mais precisos e confiáveis para os grupos humanos que habitaram o NE em tempos pré-históricos.

Mesmo diante de tais problemas, nos encontramos numa postura animadora diante dos resultados apresentados pelas pesquisas arqueológicas realizadas nos últimos anos no NE, que têm se mostrado mais comprometidas com a necessidade de detalhamentos das informações, avançando na busca de padrões que auxiliem na definição dos grupos culturais estudados.

Embora não tenha sido possível traçar com segurança seqüências cronológicas para todos os enterramentos estudados, nossa pesquisa ao apresentar perfis das práticas funerárias pré-históricas da Serra da Capivara, lança as bases metodológicas para, num futuro próximo, de posse de um número maior de dados, estabelecer padrões confiáveis para a análise de grupos étnicos diferentes.

Notas:

¹ Esse texto é parte integrante da Dissertação de mestrado Práticas Funerárias na Pré-história do Nordeste do Brasil apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da UFPE em 2003.

² Aluna da Pós-graduação em Arqueologia e Preservação Patrimonial da UFPE, bolsista do CNPq.

³ DARWIN, C. 2000. p.22.

⁴ WILSON, O. 1975.

⁵ MASSON, J. & MCCARTHY, S. 1997.

⁶ WAAL, F. de; LANTING, F., 1996.

⁷ Os bonobos são primatas que vivem nas Florestas da África Central.

⁸ Especialmente a Etologia e a Sociobiologia.

⁹ LORENZ, K., 1995. p.432.

¹⁰ MORIN, E., 1997.

¹¹ Os ritos são compreendidos aqui como ações ou sistemas de ações em que há um predomínio do sistema simbólico.

¹² RIBEIRO, D. 1996. p.352

¹³ Nossas práticas mortuárias em áreas urbanas são compostas de dois momentos. O primeiro (enterramento primário), o corpo é colocado em um caixão e depositado em cova. Após dois

anos o depósito é aberto e os ossos retirados para dá-los um novo destino, em geral as chamadas gavetas, localizadas nos próprios cemitérios.

14. A Arqueologia pode trabalhar com qualquer momento histórico, todavia adquire um valor preponderante para aquelas civilizações que carecem de textos e torna-se decisiva para os períodos pré-históricos onde a escrita ainda não havia sido inventada.
15. TRIGGER, B. 1973. p.4.
16. KERN, A. 1991. p. 52.
17. POPPER, K. 1972. p. 61.
18. KERN, A. 1991. p.57.
19. PEARSON, 1984.
20. ROWE, J. H, 1962.
21. SCHIFFER, M. B. 1988.
22. MIRES, AM. W.
23. BINFORD, L. R. 1972
24. SAXE, A. 1971.
25. MONTARDO, D. 1995. p.15.
26. Embora a utilização extensiva destes dados para verificar status dentro de um mesmo grupo social seja inapropriado, segundo Tainter (1978), o uso de materiais associados ao enterramento pode ter distinções mínimas e o diferencial está associado ao ritual em sim, não fossilizado.
27. O'SHEA. 1984.
28. SHANKS, M.; TILLEY, C. 1988.
29. MARTINS, J.de S. (org.). 1983.
30. REIS, J. J. 1991.
31. CUNHA, M. C. da. 1978.
32. CASTRO, E. V. de. 1986.
33. MACHADO, L. (1984, 1990, 1992, 1995).
34. SENE, G. (1991,1993)
35. KNEIP, L. (1992, 1993)
36. MELO e ALVIM, M. (1971,1995).
37. GUIDON, N.
38. MARTIN, G. 1999.
39. ROCHA, J. 1971.
40. LIMA, J. M. D. de. 1985.
41. PROUS, A. 1992.
42. Área Arqueológica, segundo G.Martin (1997), deve possuir uma unidade ecológica com limites flexíveis que partilhe das mesmas características geo-ambientais e que a partir do desenvolvimento das pesquisas e dos estudos sistemáticos dos sítios nessa área determinada, possam ser obtidos

dados contextualizados que permitam determinar ocupações humanas. Os limites dessas áreas são flexíveis para acompanhar a dinâmica dos vestígios encontrados.

⁴³.HODDER, I. 1976. p.76.

⁴⁴.MARTIN, G. 1997. 440p.

⁴⁵.CHIARA, W.

⁴⁶.BECKER, Í., 1994.

⁴⁷.SCHIMITZ, P. I.; VERARDI, I. 1994. p.91-100.

⁴⁸.GASPAR, M. D., 1993.

⁴⁹.ROCHA, J. 1971.

⁵⁰.LIMA, J. M. D.de. 1985.

⁵¹.NOELLI, F. S. 1993.

⁵².LAVINA, R. 1994.

⁵³.MARTIN, G. 1997. p.336

⁵⁴.CHIARA, W.

⁵⁵.MONTARDO, 1995.

⁵⁶.FERNANDES, F., 1975.

⁵⁷.OLIVEIRA FILHO, J. P. (org.).

⁵⁸.SOUSA, G. S. de. 2000.

⁵⁹.CARDIN, F. 1978.

⁶⁰.STADEN, H. 1974.

⁶¹.LERY, J. de. ,1980.

⁶².RAMINELLI, R.1994.

⁶³.OLIVEIRA FILHO, p.89.

⁶⁴.CUNHA, 1978.

⁶⁵.CASTRO, 1986.

⁶⁶.METRAUX, A., 1979.

⁶⁷.PINTO, E. 1956.

⁶⁸.Espaço entendido aqui como um conjunto de ações e culturas, que segundo M.Santos formam um sistema imbricado de objetos construídos a partir de ações deliberadas ou não.

⁶⁹.LECLERC, J., 1990.

⁷⁰ Pode ser definida como o lugar onde é depositado o cadáver.

⁷¹ Pesquisa realizada em 2001. Atualmente estes dados podem ter sido alterado pelo avanço das pesquisas arqueológicas realizadas pela FUMDHAM na área da Serra da Capivara.

⁷².GUIDON, N. et all. Notas sobre dois abrigos pintados da Serra da Capivara, sudeste do Piauí. *Cadernos de Pesquisa – Série Antropologia*. n.1. Teresina: UFPI, 1980. p.15.

⁷³ Entende-se aqui como perfil, uma descrição de traços gerais.

Referencia Bibliográfica

- BECKER, Í. Formas de enterramentos e ritos funerários em populações pré-históricas. Revista de Arqueologia, v. 8, n. 1, São Paulo, 1994. p. 61-74.
- BINFORD, L. R. Mortuary practices: their study and their potential. Approaches to the social dimension of mortuary practices. Memoirs of Society American Archeology. New York, 1972. n.25. p.208-243.
- CARDIN, F. Tratado da terra e gente do Brasil. 3 ed. São Paulo: Nacional, 1978.
- CASTRO, E. V.de. Araweté: os deuses canibais. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986. 744p.
- CUNHA, M. C.da. Os Mortos e os Outros. São Paulo: Ed. Hucitec, 1978. 152p.
- CHIARA, W. Contribuição da Antropologia para a interpretação dos resultados de pesquisas em arqueologia pré-histórica. In: Coletânea de Estudos em Homenagem a Annette Laming-Emperaire, Série ensaios. vol. 2. São Paulo. p.245-274.
- DARWIN, C. A Expressão das emoções no Homem e nos Animais. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- FERNANDES, F. Investigação Etnológica no Brasil e outros ensaios. Petrópolis: Ed. Vozes, 1975.
- GASPAR, M. D. Espaços, ritos funerários e identidade pré-histórica. Anais da VII SAB. João Pessoa. 1993. p.1-14.
- HODDER, I. Interpretação em Arqueologia. In: LE GOFF, J; NORA, P. História: novas abordagens. Rio de Janeiro: Ed. Francisco Alves, 1976.
- KERN, A. A abordagem teórica em arqueologia. Anais da VI Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira. Rio de Janeiro: CNPq/FINEP/UNESA, 1991. v.1. p.52.
- LAVINA, R. Os Xokleng de Santa Catarina: Uma etnohistória e contribuições para arqueólogos. São Leopoldo, 1994. Dissertação (Mestrado em Arqueologia). UNISINOS.
- LECLERC, J. La Noción de sepulture. In: Bull. Et Mém. De la Soc. D'Antrop. De Paris, n.2. Paris, 1990. p.13-18.
- LERY, J.de. Viagem à terra do Brasil. Belo Horizonte: Itatiaia/São Paulo: EDUSP, 1980.
- LIMA, J. M. D.de. Arqueologia da Furna do Estrago, Brejo da Madre de Deus – Pernambuco. Recife, 1985. 144p Dissertação (Mestrado em Antropologia). Programa de Pós-Graduação em Antropologia, UFPE.
- LORENZ, K. Fundamentos de Etologia. São Paulo: Ed.Univ. Estadual Paulista, 1995. p.432.
- MARTIN, G. Pré-história do Nordeste do Brasil. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 1999. 440p.
- MARTINS, J.de S. (org.) A morte e os mortos na Sociedade Brasileira. São Paulo: Hucitec, 1983.
- MASSON, J. & Mccarthy, S. Quando os elefantes choram: a vida emocionante dos animais. São Paulo: Geração Editorial, 1997.
- METRAUX, A. A religião dos tupinambás. São Paulo: Nacional, 1979.
- MIRES, A. M. W. Sifting the ashes: reconstruction of a complex archaic mortuary. Program in Louisiana. p.114-130.

- MORIN, E. O Homem e a morte. Rio de Janeiro: Imago, 1997. 354p.
- NOELLI, F. S. Sem Tekoha não há Tekó: em busca de um modelo etnoarqueológico da aldeia e da subsistência guarani e sua aplicação a uma área de domínio no Delta do rio Jacuí – RS. Porto Alegre. 1993. Dissertação (Mestrado em História). PUC-RS.
- OLIVEIRA FILHO, J. P. (org.). Sociedades indígenas e indigenismo no Brasil. Rio de Janeiro: Ed. Marco Zero.
- PINTO, E. Etnologia brasileira: Fulniô, os últimos Tapuias. São Paulo: Companhia Editora Nacional. Col. Brasileira, v.285. 1956.
- POPPER, K. A lógica da pesquisa científica. São Paulo: Cultrix, 1972.
- PROUS, A. Arqueologia Brasileira. Brasília: Ed. UnB, 1992. 605p.
- RAMINELLI, R. Imagens da colonização: a representação do índio de Caminha a Vieira. São Paulo: 1994. p.257-8. Tese (Doutorado em Antropologia). Programa de Pós-Graduação, USP.
- REIS, J. J. A Morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- RENFREW, C & BANH, P. Arqueología: teorías, métodos y práctica. Madrid: Akal, 1998. p.259.
- RIBEIRO, M. S. Uma abordagem historiográfica da Arqueologia das práticas mortuárias. Dissertação (mestrado). Programa de Pós-Graduação da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2002.
- RIBEIRO, D. Os índios e a civilização. São Paulo: Companhia das Letras. 1996.
- ROCHA, J. As tradições funerárias no vale do Médio São Francisco. Anais do I simpósio de Pré-história do Nordeste Brasileiro, Clio - série arqueológica, n.4, Recife, UFPE, 1971. p.151-153.
- ROWE, J. H. Worsaae's Law and the use of grave lost for archaeological dating. American Antiquity, 1962. vol. 28, n. 2. p. 129-137.
- SAXE, A. Social Dimension of Mortuary Practices in a Mesolithic Population from Wadi Halfa, Sudan. IN: Approaches to the social dimensions of mortuary practices. Society for American Archaeology, Memoirs 25, edited by J.A.Brown. 1971. p.39-57.
- SCHIFFER, M. B. The Structure of Archaeological Theory. American Antiquity, 1988. vol. 53, n. 3. p. 461-485.
- SCHIMITZ, P. I.; VERARDI, I. Antropologia da Morte. Praia de Laranjeiras um estudo de caso. Revista de Arqueologia, São Paulo, 1994. p.91-100.
- SHANKS, M.; TILLEY, C. Teoría Social e Arqueología. University of New Mexico Press: Albuquerque, 1988.
- SOUSA, G. S.de. Tratado descritivo do Brasil em 1587. Recife: Ed. Massangana, 2000.
- STADEN, H. Duas viagens ao Brasil. Belo Horizonte: Itatiaia/São Paulo: EDUSP, 1974.
- TRIGGER, B. Além da História: os métodos da pré-história. São Paulo: EDUSP, 1973. p.4.
- WAAL, F. de; LANTING, F. Bonobo: the Forgotten Ape. Berkeley: University of California Press, 1996.
- WILSON, O. Sociobiology. Cambridge: Harvard University Press. 1975.
- ZAPATERO, R. Arqueologia da Morte. IN: FRANCH, J. A. Diccionario de Arqueología. Madrid: Alianza Editorial, 1998.